

PERCEPÇÕES DA DOCÊNCIA NO RELATO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Carolina Pereira Nunes¹; Richardson Rodrigues de Araujo²

1. Psicóloga e pedagoga, professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Timon. carolina.nunes@ifma.edu.br

2. Graduando da Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão Campus Timon.*araujorichardson@gmail.com

Palavras Chave: *conceitos, docência, abordagem sócio-histórica*

Introdução

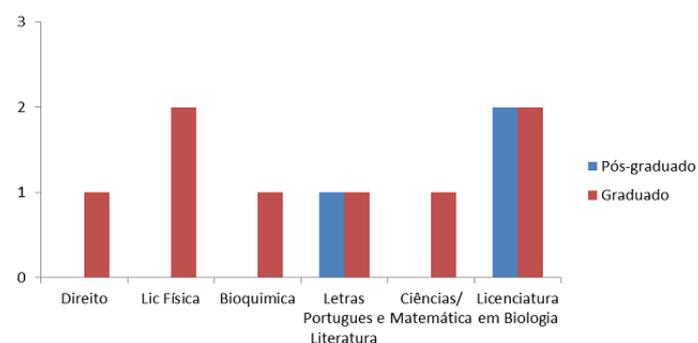
Os professores são sujeitos histórico-sociais que em seu processo de formação internalizaram conhecimentos durante todas as suas fases de formação. Neste sentido, a forma como vêem e interpretam a realidade será baseada de acordo com esses conhecimentos. Portanto, a constituição desses indivíduos dentro da sua categoria profissional perpassa pela maturação biológica e, principalmente, pelo desenvolvimento social, afetivo e cognitivo, atingindo seu ápice com a elaboração das estruturas cognitivas complexas. Assim, a construção dos sujeitos professores como indivíduos pertencentes a um grupo com modo de pensar, sentir e agir únicos, é resultado deste processo (CARVALHO e IBIAPINA, 2009). De fato, quando os professores desenvolvem seus conceitos em relação à docência levam em conta toda carga cultural adquirida ao longo das suas trajetórias de vida. Isso porque os professores são sujeitos dotados de capacidades que foram aprimoradas, corrigidas e/ou adaptadas de acordo com sua interação com outros sujeitos. Segundo Vigotsky (2007, p.57) “todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos”, ou seja, constituir-se professor é algo que acontece a partir das interações sociais. A partir dessas interações observamos que dentre as funções cognitivas humanas destaca-se o uso da linguagem, essencial para a elaboração de conceitos, o que se dá através de abstrações e generalizações que tornam possíveis análises e classificações do mundo real. A linguagem se constitui como fator essencial na formação da consciência, sendo um instrumento que constrói a função de acumulação ou retenção, que posteriormente será usada no dia a dia. E é por meio das palavras (signos) que estes conhecimentos vão se organizando. Essas relações são possíveis devido a capacidade de assimilação mediada por processos cognitivos como o pensamento e a linguagem e externalizadas por meio de signos como forma de concretização do pensamento. Signos são “índícios, marcas, sinais, que constituem sistemas simbólicos” (Carvalho e Ibiapina, 2009, p.170). A linguagem se constitui como fator essencial na formação da consciência pois é um instrumento que constrói a função de acumulação ou retenção, que posteriormente será usada cotidianamente. E é por meio das palavras (signos) que estes conhecimentos vão se organizando. Como os conhecimentos acerca da docência se organizaram (e continuam se organizando) nas consciências dos professores? Será possível fazer inferências sobre os fatores objetivos e subjetivos que influenciaram nesta organização? Na verdade, o que se busca, muito mais do que a simples constatação das palavras externalizadas pelos entrevistados, é o que está por trás delas, ou seja os seus significados. Segundo Vigotsky (2008, p. 150), “o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da

linguagem, que fica difícil dizer quando se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento.” Isso significa que, ao falarem sobre o que é ser professor, os sujeitos pesquisados estavam demonstrando as suas opiniões e afetos acerca da profissão que exercem, ou seja, a forma como pensam sobre a docência. Esse processo subjetivo de internalização do conceito de docência constitui-se em uma verdadeira revolução, pois nele há uma radical reestruturação da atividade psíquica dos sujeitos, caracterizada por estar em movimento, ou seja, é um processo dinâmico que está sempre mudando de acordo com as influências do meio, fazendo com que a dialética esteja sempre presente, já que se parte do pressuposto de que nada é eterno, fixo ou imutável (AGUIAR, 2006). Com essa visão e com olhar atento sobre as indagações feitas aos sujeitos pesquisados, fizemos uma análise acerca dos conceitos formulados pelos docentes, para tentar entender os motivos que os levaram a formular tais conceitos sobre a profissão, levando em conta toda carga sociocultural e as condições materiais às quais estão submetidos.

Resultados e Discussão

O grupo de professores entrevistado caracterizou-se por ser formado em sua grande maioria por sujeitos com formação em áreas relacionadas a da disciplina que ministravam (Ciências). Dos dez entrevistados, oito possuem graduação em campos do conhecimento afins (Biologia, Física, Bioquímica, Ciências Naturais), o que atesta que a quase totalidade dos entrevistados cumpre a exigência da Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que exige formação específica para atuação no Ensino Fundamental.

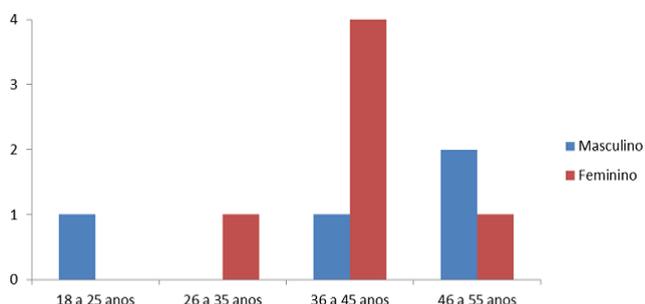
Figura 1. Formação Docentes



Seis entrevistadas são do sexo feminino e quatro do masculino. Apesar da pouca diferença quantitativa entre os sexos, é possível atestar a prevalência feminina no magistério nas séries pesquisadas. A quase totalidade dos

entrevistados (oito) estava compreendida na faixa que vai de 36 a 55 anos de idade, o que caracteriza indivíduos adultos, que se supõe já terem atingido a maturidade intelectual.

Figura 2. Faixa etária e Sexo



Este fato reflete-se no levantamento do tempo de serviço dos entrevistados, já que 60% relataram ter mais de 16 anos de magistério, ou seja, o grupo caracteriza-se por ser composto por indivíduos com larga experiência profissional no campo da docência.

Figura 3. Tempo de Serviço



Para compreender qual o conceito de docência internalizado pelos professores entrevistados é preciso compreender que um conceito se forma a partir de uma operação mental. De acordo com Ibiapina (2007, p.40) “essa operação é dirigida pelo uso da palavra como meio de centrar ativamente a atenção no conceito a ser formulado, determinando traços essenciais, sintetizando-os, expressando-os e abstraíndo-os.” Desta forma, ao analisarmos as respostas dadas pelos entrevistados à pergunta “o que é ser professor para você?” devemos levar em consideração que a formulação deste(s) conceito(s) se deu a partir das internalizações às quais os sujeitos passaram ao longo de suas trajetórias pessoais e profissionais, sendo diretamente influenciados pelas condições materiais. Portanto estas elaborações devem ser analisadas considerando seu movimento, ou seja, o fato de estarem sempre em processo de reelaboração. A grande maioria dos professores pesquisados conceituou docência enfatizando o ato de transmissão de conhecimentos e de troca de experiências. Porém, a quase totalidade (nove entrevistados) aprofundou esta análise mencionando outras interpretações sobre suas atuações profissionais. Podemos dividir as respostas em três categorias distintas: 1) os professores que enfatizaram os aspectos afetivos ligados à profissão; 2) professores

que mencionaram a relevância do desenvolvimento da criticidade dos alunos; 3) professores que elaboraram conceitos que focaram nas atividades desempenhadas por eles próprios. Na primeira categoria destacamos: “Para ser professor é necessário ter muito amor e dedicação” (J., sexo feminino); “É uma arte, porque desenvolvo um trabalho com amor e satisfação” (M., sexo feminino). Percebemos uma forte relação destes depoimentos com a noção de que ser professor seria uma espécie de sacerdócio, algo que só pessoas especiais, capazes de dar “amor” poderiam fazer. Esses conceitos estão diretamente relacionados com a forma como a profissão se configurou historicamente em nosso país, onde os primeiros mestres foram os membros do clero. Na segunda categoria percebemos os seguintes conceitos: “Ser professor é orientar o educando para que ele tenha uma boa formação, que ele se torne um cidadão crítico” (V., sexo feminino); “É abordar de modo crítico a produção de informações e atividades, fazendo atualizações, complementações e retificações, se julgar necessário.” (M. sexo masculino). Diante desses conceitos percebemos que uma parte dos professores possuem noção sobre o discurso pedagógico oficial que postula que o papel da escola e do professor não é o de somente transmitir conhecimentos como se os alunos fossem tábulas rasas, mas sim mediar a construção do conhecimento dos alunos, com o objetivo de formar produtores de conhecimentos e, conseqüentemente, cidadãos críticos. Já na terceira categoria destacaram-se: “Ser professor é transmitir conhecimentos e trocar experiências” (S. sexo feminino); “É ser um educador, aquele que transmite conhecimentos para os alunos” (D. sexo feminino). Esta visão atrela-se mais a abordagem tradicional na educação, onde o professor coloca-se como detentor do conhecimento enquanto os alunos são colocados no papel de receptores das informações.

Conclusões

A partir do que foi anteriormente exposto percebemos que ainda há uma dificuldade dos profissionais que atuam no campo da docência em reconhecerem que a profissão que exercem constitui-se em um ramo do saber científico, ou seja, é uma área dotada de saberes específicos e, por isso, necessita de formação diferenciada. Mesmo os entrevistados que demonstraram uma visão mais crítica da sua prática, não deixaram claro como colocam isso em prática, o que pode sugerir uma interpretação de que a apropriação conceitual de termos pedagógicos pode ter-se dado somente em nível teórico. Todos os conceitos não mencionaram de forma explícita que os professores se viam como profissionais, o que traz conseqüências negativas para efetivação dos direitos da categoria. Por isso, se faz necessária a criação de espaços de reflexão onde esses sujeitos possam redefinir esses conceitos e, a partir disso aprimorar as suas práticas.

Agradecimentos

Ao Instituto Federal de Educação-Maranhão por proporcionar e incentivar a pesquisa e iniciação científica; A Professora Carolina Pereira Nunes pela orientação e incentivo nesta pesquisa; A Deus pela saúde, força, determinação e fé.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A pesquisa junto a professores: fundamentos teóricos e metodológicos. In: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira (org). **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica: relatos de pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso>> Acesso em: 05 març.2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº9.394, de 20/12/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 05 março. 2015.

CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. A abordagem histórico-cultural de Vigotski. In: CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Orgs.). **Psicologia da Educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem**. 2.ed. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p.163-199.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. A trama: o significado de docência. In: IBIAPINA, I.M.L.de M.; RIBEIRO, M.M.G.; FERREIRA, M.S. (Orgs). **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry; colaboradores PERES, José Augusto de Souza et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev.ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.